

Tiago Alves Costa: “O mundo entra nos textos sem ficar reduzido a um tema”

Agosto de 2026

<https://www.novoslivros.pt/tiago-alves-costa-o-mundo-entra-nos-textos-sem-ficar-reduzido-a-um-tema/>

1- O que representa, no contexto da sua obra poética, o livro *Deus ainda usa o Windows 10*?

R-*Deus ainda usa o Windows 10* inscreve-se num percurso de cerca de dez anos, que passa por *Mecanismo de Emergência* e por *Žižek vai ao Ginásio*, com edições na Galiza e no Brasil. Os três livros partilham uma atenção às fracturas do presente e uma ironia que deixa ver tanto o absurdo como a ferida. Neles, o poema acolhe vozes, diálogos e pequenas cenas, aproximando-se por vezes da narrativa e do teatro.

Há também uma circunstância biográfica importante: estes livros foram escritos fora de Portugal, sobretudo entre a Galiza e Barcelona. *Deus ainda usa o Windows 10* começou ainda na Galiza e foi terminado em Barcelona, onde vivo actualmente. Com o tempo, percebi que viver entre línguas, culturas e diferentes maneiras de olhar o mundo se tornou uma condição da minha escrita. Essa experiência abre um intervalo entre o lugar de onde venho e aquele onde vivo, e é nas margens desse intervalo que escrevo.

Interessa-me partir do real e introduzir nele um desvio, abrir uma brecha por onde a imaginação possa fazer surgir outra possibilidade. O mundo entra nos textos sem ficar reduzido a um tema. O trabalho, a tecnologia, a precariedade ou a solidão aparecem através das vozes, dos ritmos e das pequenas situações que compõem o livro. Curiosamente, muitas dessas vozes começam no pretérito, como se entrassem no texto já marcadas por alguma perda. Quero pensar a modernidade sem nostalgia. Ainda assim, o passado reaparece como uma perturbação dentro do presente, o vestígio de alguma coisa que se perdeu antes de chegarmos a reconhecê-la. Nesse sentido, *Deus ainda usa o Windows 10* representa menos uma ruptura do que um aprofundamento do meu percurso; prolonga a tentativa de deslocar o real através da imaginação e de alterar, ainda que por instantes, a maneira como habitamos o mundo.

2- Qual a ideia que esteve na origem do livro?

R-A origem do livro está na percepção de que a vida quotidiana passou a falar a linguagem dos sistemas operativos e a incorporar as exigências do chamado capitalismo de plataformas. Actualizamo-nos, optimizamo-nos, aceitamos termos e condições e procuramos acompanhar

uma velocidade que parece nunca diminuir. A tecnologia entra no livro como ambiente, vocabulário e disciplina dos corpos. Trabalhamos, comunicamos, desejamos e descansamos diante de ecrãs. Até a própria ideia de liberdade parece condicionada e, por vezes, a intimidade exige uma versão constantemente renovada de nós próprios. Há um verso no livro que condensa essa tensão: «NÃO ÉS LIVRE / ÉS GRÁTIS». É também nesse contexto que surge o título, a partir da imagem de um Deus que insiste em utilizar um sistema operativo condenado à obsolescência. Um demiurgo que resiste à actualização e conserva alguma relação com o erro, a falha, a queda. Num tempo em que somos convocados a apresentar versões mais eficazes de nós próprios, parece-me que essa imperfeição pode adquirir uma potência crítica e também criativa. É, antes de mais, um livro de poesia, embora se deixe atravessar pelo diálogo, por vozes ficcionadas e por resíduos de linguagem administrativa. Interessa-me essa dificuldade de o encerrar num género, até porque a própria realidade que o livro procura captar se tornou instável, fragmentária e difícil de organizar. Deus e o Windows 10 são apenas dois dos campos de força que atravessam estas páginas. As vozes, as pequenas situações quotidianas e as falhas da linguagem registam, como uma espécie de sismógrafo, os tremores do presente antes de sabermos exactamente o que significam. A ironia é essencial também nesse processo, abre algum ar dentro da gravidade, permite reconhecer o absurdo e continuar a viver no seu interior.

3-Pensando no futuro: o que está a escrever neste momento?

R-Neste momento trabalho no meu primeiro romance. Regressam nele algumas inquietações presentes na poesia e no teatro, a burocracia, a precariedade, a entrada das instituições na vida íntima e a dificuldade de agir num mundo cujas regras parecem modificar-se continuamente. Chego a este projecto depois de ter terminado *Às terças-feiras frequento a casa de Mallarmé — A vida útil da Senhora Melquíades*, um livro de contos que será publicado este ano, e uma peça de teatro que me acompanhava há vários anos. O romance prolonga essa passagem entre formas, embora me obrigue a trabalhar com outra duração, outra arquitectura e uma relação diferente com as personagens.

Os géneros mudam, mas a pergunta regressa: o que acontece ao real quando entra na linguagem e de que modo essa passagem pode transformar também quem lê? Procuo que o leitor reconheça o mundo e consiga, ao mesmo tempo, estranhá-lo. Quando um texto altera, ainda que por pouco, o nosso olhar, começa também a mudar a relação que estabelecemos com aquilo que nos rodeia.

Tiago Alves Costa

Deus ainda usa o Windows 10

The Poets and Dragons Society